

A LÍNGUA E SUAS REALIZAÇÕES: ORALIDADE E ESCRITA

Carolina Knack; Prof. Orientadora Dra. Carmem Luci da Costa Silva

Mestranda em Letras – Teorias do Texto e do Discurso *E-mail: carolknack@hotmail.com*

Resumo

Através da atividade “A língua e suas realizações: oralidade e escrita”, desenvolvida no Programa de Apoio à Graduação (PAG) – Projeto Língua Portuguesa, objetivamos discutir as relações entre o oral e o escrito, fornecendo subsídios para que os alunos percebam as especificidades, bem como as operações necessárias para passar de uma modalidade à outra. Partimos de uma atividade prática de transcrição de fala e posterior escritura do texto para, então, discutirmos os aspectos teóricos implicados na passagem do oral para o escrito. A reflexão propiciou aos alunos observar questões ligadas à adequação linguística e desenvolver uma visão crítica e consciente do processo de produção de textos, orais e escritos.

Palavras-chave: linguagem; modalidades; operações linguísticas; texto.

Introdução

A atividade a ser aqui relatada e discutida integrou a primeira aula do Programa de Apoio à Graduação – Projeto Língua Portuguesa (ainda em estágio inicial), cujas oficinas são direcionadas a alunos com dificuldades em leitura e produção de textos. Através desse projeto pretende-se, além de inserir o aluno no sistema acadêmico universitário, contribuir para que este se torne um competente produtor de textos e um leitor crítico.

Para tanto, iniciamos a reflexão acerca da linguagem verbal a partir da atividade “A língua e suas realizações: oralidade e escrita”, através da qual exploramos primeiramente o texto oral e suas especificidades, para então chegar ao texto escrito e às particularidades que o constituem.

Conforme argumenta Fávero [*et al.*] (2002), a fala e a escrita são duas modalidades do mesmo sistema linguístico – a língua portuguesa; porém, cada modalidade enfatiza diferentes componentes e estruturas desse sistema, além de diferir “nas suas condições de produção, transmissão e recepção” (*ibid.*, p.69). Segundo a autora, as formulações linguísticas são determinadas por essas condições da situação comunicativa, as quais Fávero elenca comparativamente (na ordem oral/escrito): “a) interação face a face/interação à distância (espaço-temporal); b) planejamento simultâneo ou quase simultâneo à produção/planejamento anterior à produção; c) criação conjunta entre os interlocutores, formulação e reformulação/criação individual; d) impossibilidade de apagamento/possibilidade de revisão; e) reformulação promovida tanto pelo falante como pelo interlocutor/formulação promovida pelo escritor; f) acesso imediato às reações do interlocutor/sem possibilidade de acesso imediato; g) o falante pode processar o texto, redirecionando-o a partir das reações do interlocutor/o escritor pode processar o texto a partir das possíveis reações do leitor; h) o texto tende a mostrar o processo de criação/o texto tende a esconder o processo de criação, mostrando o produto.” (*ibid.*, p.74).

Tais aspectos, portanto, conferem especificidades às duas modalidades. Na oralidade, as construções sintáticas são mais simples, as frases são curtas, há repetições, truncamentos, reformulações (paráfrases); além dos marcadores conversacionais (*uhn, ahn, viu, sabe, né, quer dizer, eu acho, daí, aí*), também os prosódicos (pausa, tom de voz, ritmo, velocidade) e os não-linguísticos (riso, olhar, gestos) articulam esse texto. Já na escrita as formações frasais tendem a ser complexas, o vocabulário variado; o texto, enfim, mais conciso.

A fim de possibilitar ao aluno a percepção das especificidades das modalidades oral e escrita da língua, propusemos que transcrevessem a fala de um colega e, após, transformassem a transcrição em um texto escrito, atentando para as operações realizadas nessa passagem; de modo que, a partir dos textos produzidos e da reflexão, o próprio aluno observasse seu desempenho em relação à organização textual, detectando quais habilidades linguísticas já possui e quais necessita aprimorar, desenvolvendo, assim, uma “compreensão consciente do ato de escrever”. (FARACO; MANDRYK, 2008, p.12).

Metodologia

A atividade, elaborada a partir da proposta de Fávero [*et al.*] (2002), dividiu-se em três etapas. Primeira etapa: após introduzir a temática da atividade, solicitamos aos alunos que sentassem em duplas e então distribuimos uma folha com as seguintes questões: a) registrar a fala de um colega (por exemplo: contar com foi o seu fim de semana ou comentar o último filme visto no cinema); b) fazer a transcrição dessa fala; c) transformar o texto oral em um texto escrito; d) explicar quais foram as operações feitas para chegar ao texto escrito. Segunda etapa: cada dupla compartilhou esse percurso com o grande grupo. Terceira etapa: reflexão mediada pela equipe de professores, em que os alunos e a equipe apontaram aspectos nos textos, introduzindo questões de cunho teórico – escrever é simplesmente transpor a fala para o papel? São necessárias adaptações? Quais? Que aspectos caracterizam as duas modalidades?

Resultado e Discussão

A leitura das transcrições de fala e dos respectivos textos escritos produzidos pelos alunos permitiu que eles expusessem suas opiniões, facilidades e dificuldades acerca da atividade. A maioria dos alunos relatou tê-la desenvolvido com certa facilidade, e então destacamos o conhecimento que possuem enquanto falantes da língua portuguesa, tanto em relação ao funcionamento gramatical, quanto ao reconhecimento dos diferentes níveis de uso e variedades da língua, seja na fala seja na escrita. Todos os alunos demonstraram perceber – em maior ou menor grau – as especificidades das duas modalidades e, juntamente com a equipe de professores, discutiram-nas.

Em relação à transcrição da fala, o grupo destacou: presença de muitas expressões como *né*, *daí*, *aí*, que operam como elementos coesivos; repetibilidade do vocabulário, sobretudo para efetuar retomadas dos tópicos discursivos; reformulações e alteração do curso de fala em virtude de expressão facial e gestos do interlocutor; língua mais coloquial, informal. Já na modalidade escrita, o grupo apontou: busca pela utilização de diferentes nexos, conjunções, ampliando também o vocabulário; apagamento de repetições; concisão; esforço maior no intuito apresentar claramente as informações ao leitor, já que não se tem acesso direto às suas reações; língua mais formal.

Todos os alunos afirmaram, portanto, ter feito adaptações na passagem da oralidade para a escrita. Segundo Fávero [*et al.*](2002), as operações de produção do texto escrito a partir do falado são as seguintes: “a) eliminação de marcas estritamente interacionais e inclusão da pontuação; b) apagamento de repetições, redundâncias, autocorreções e introdução de substituições; c) substituição dos turnos por parágrafos; d) tratamento estilístico com seleção de léxico e da estrutura sintática, num percurso do menos para o mais formal”. (ibid., p.90). A autora afirma que conhecer essas operações é imprescindível para melhorar o domínio da escrita.

Um aluno, porém, relatou ter tido dificuldade para realizar tais operações. Ele afirmou que em suas produções textuais em geral falta clareza na exposição das ideias, justamente por ter dificuldades em lidar com a ausência do interlocutor. Além disso, por buscar utilizar a língua portuguesa na sua variedade padrão, o aluno diz não “se reconhecer” em suas produções escritas. De fato, ele percebe seu menor “envolvimento” no texto escrito, o que

Fávero [et al.] (2002) exemplifica trazendo estudos que comprovaram que os sujeitos produzem na fala mais pronomes pessoais e mais termos indicativos de “consciência de projeção”, como “eu acho, na minha opinião” (ibid., p.71).

No entanto, a dificuldade que esse aluno relatou sentir para transpor do oral ao escrito foi criativamente solucionada, na medida em que criou e visualizou um interlocutor para o seu texto: ele imaginou estar escrevendo para o *twitter* – rede social da *internet* que permite enviar e receber atualizações de usuários. A partir do momento em que esse aluno pôde perceber um objetivo em sua produção e aproximá-la de sua realidade, a elaboração de seu texto fluiu com certa facilidade.

Cabe ressaltar que o grupo observou que o aluno manteve na escrita certas marcas da oralidade, como, por exemplo, “E aí galera!” – frase inicial do texto. Discutimos, a partir disso, que as duas modalidades não se opõem: as diferenças e integrações “ocorrem num *continuum* (e não num grau de oposição) que vai do menos para o mais formal [...]”. (ibid., p.90, grifo do autor). Trata-se, portanto, de adequar-se linguisticamente às situações de uso da escrita. O *twitter*, assim como outros meios digitais, como *blogs*, por exemplo, atestam a “presença de fatos linguísticos da enunciação falada (gêneros, recursos fônicos, morfossintáticos, lexicais e pragmáticos) na enunciação escrita” (CORRÊA, 2008, p. 142). Corrêa (*op. cit.*) salienta que considerar a presença do oral no escrito como algo nefasto decorre de um posicionamento que considera uma língua e escrita idealizadas; nós, assim como o autor, argumentamos que considerar as relações oral/escrito e reconhecer a heterogeneidade da língua podem contribuir para o ensino de língua materna.

Conclusões

Ao tomarmos a modalidade oral como ponto de partida para pensar a língua materna, pretendemos valorizar o conhecimento linguístico que o aluno possui enquanto falante dessa língua. As discussões em torno das questões teóricas propostas por Fávero [et al.](2002), Faraco; Mandryk (2008) e Corrêa (2008) fornecem subsídios para o aluno ampliar o domínio da modalidade escrita, tomando consciência das operações necessárias para transpor um texto do oral para o escrito, bem como das propriedades características de cada modalidade. As reflexões a partir dos textos produzidos permitem que os próprios alunos observem o seu desempenho linguístico e desenvolvam uma leitura/produção textual crítica e consciente.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao Programa REUNI, bem como à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por fornecerem as condições financeiras e de infra-estrutura para a realização do Projeto de Apoio à Graduação. Por último, e não menos importante, à equipe de professores e bolsistas que, junto aos alunos, têm desenvolvido produtivas atividades no PAG – Português.

Referências

- CORRÊA, Manoel L. Gonçalves. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português. In: **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. SIGNORINI, Inês (Org). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.
- FARACO, Carlos A.; MANDRYK, David. **Língua Portuguesa: prática de redação para estudantes universitários**. 12.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- FÁVERO, Leonor L.; ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O.; AQUINO, Zilda G.O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002.